

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
A CONSTRUÇÃO SUBJETIVA PROMOVIDA PELA REVISTA
CAPRICO EM 2013 SOB UM OLHAR BAKHTINIANO¹

Olivaldo da Silva Marques Ferreira (IFES/UFES)
olivaldoferreira@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho é, sob a perspectiva teórica do chamado "Círculo de Bakhtin", discutir os processos de formação subjetiva desencadeados pela maior revista brasileira em seu segmento editorial na atualidade, a *Capricho*, a partir de suas edições do ano de 2013. Para isso, elegemos uma parte específica do periódico: a seção intitulada "Terapia de Grupo". Espera-se, nesse breve estudo, elucidar a maneira como a teoria bakhtiniana encara a questão da subjetividade e como uma revista de público segmentado atua nesse processo.

Palavras-chave: Alteridade. Subjetividade. Mídia. Revista *Capricho*.

1. Introdução

Segundo o pensamento bakhtiniano (aqui entendido como a teoria pensada por todos aqueles que compuseram o, hoje denominado, Círculo de Bakhtin), a vida em sociedade é constitutivamente dialógica. Ser, ou ainda, existir em sociedade é, portanto, sinônimo de interagir, de dialogar. Daí que, na perspectiva bakhtiniana, o sujeito se constitui e só pode ser percebido pela (e na) enunciação que produz.

Como o sujeito só existe na comunicação e esta - desde a noção de signo à enunciação concreta em forma de gênero do discurso - é essencialmente social, exterior e dialógica, a constituição do sujeito dar-se-á seguindo o mesmo viés: social, exterior e dialógico, pela *alteridade* (a relação com o outro).

Destaca-se que, com isso, o sujeito não deve ser entendido como algo integralmente determinado pelo outro, definido única e exclusivamente pela exterioridade. Há sempre uma contrapartida pessoal. Compreende-se a subjetividade como o espaço singular formado pelos caminhos que tais estímulos externos percorrem em cada ser.

¹ O presente texto é uma parte da nossa dissertação de mestrado intitulada "Sujeitos de papel: um estudo bakhtiniano acerca da construção de subjetividade promovida pela revista *Capricho*."

Opondo-se à "identidade", pela qual o sujeito se constituiria enquanto tal graças às faculdades que lhe seriam particulares e intrínsecas, o princípio da *alteridade* admite que o indivíduo se constitui na sua relação (dialógica) com outros indivíduos e sua consciência, formada ideologicamente, o caracteriza como sujeito social. Nesse sentido, Mikhail Mikhailovich Bakhtin explica que "eu não posso me arranjar sem um outro, eu não posso me tornar eu mesmo sem um outro; eu tenho de me encontrar num outro por encontrar um outro em mim". (BAKHTIN, 1961, p. 287 *apud* FARACO, 2010, p. 76)

Em outras palavras, é a convivência com o outro (entendida como interação dialógica, não indiferente) a base para constituição do ser. Sendo esse um elemento inacabado e incompleto, necessita indispensavelmente do outro para existir, em um processo de alteridade no qual o sujeito nunca e o mesmo, mantendo-se em constante mudança por meio da existência compartilhada com o outro, que desperta no sujeito a necessidade de busca por sua completude.

Nesta perspectiva a própria consciência dos sujeitos é fator sociocientífico, pois, mesmo que se desenvolva no organismo individual, o conteúdo psíquico, para Mikhail Mikhailovich Bakhtin, é socialmente determinado. Tal posicionamento tem como âncora a premissa de que a consciência é um produto de linguagem, isto é, sem linguagem não há como conceber o psiquismo: "Fora de sua objetivação, de sua realização num material determinado (o gesto, a palavra, o grito), a consciência é uma ficção". (BAKHTIN, VOLOCHÍNOV, 1981, p. 117-118)

Mikhail Mikhailovich Bakhtin considera que o psiquismo está localizado na fronteira entre o organismo biológico individual e o mundo exterior concreto de modo que o encontro das duas dimensões ocorre sempre mediado pelos signos (estes indissolúvelmente ligados à situação social).

O psiquismo, portanto, é uma realidade sociocientífica, a qual não é possível fora dos signos. Ou seja, a consciência humana não existe forma da linguagem e esta, por sua vez, é constituída a partir da interação entre sujeitos socialmente localizados. Temos, então, que a consciência é sócio e os signos, ideológicos; os sujeitos são, portanto, realidades sociocientíficas consubstanciadas na linguagem e possíveis graças as suas inter-relações com outros sujeitos.

2. A seção "'Terapia de Grupo''

Comunicamo-nos por meio de enunciados, produtos das práticas sociais, sempre ligados, portanto, à situação em que são produzidos de modo que, quando uma situação se torna recorrente em um grupo, as necessidades comunicativas relativas a ela também passam a surgir com maior frequência de forma que aquele tipo de enunciado passa a ser cada vez mais usado, o que leva a sua (relativa) estabilização, resultando em um *gênero do discurso*.

As revistas femininas, por possuírem condições de produção e de recepção muitas vezes bastante semelhantes, costumam ser veículo dos mesmos gêneros do discurso; é o caso dos tipos enunciativos com forte apelo na formação e na consolidação de certos valores em suas destinatárias e que, portanto, sugerem determinadas atitudes e comportamentos, tais como os vários tipos de enunciados que, genericamente, chamaremos de “correio sentimental” e aquelas colunas em periódicos que trazem dicas de etiqueta social ou ainda orientações específicas direcionadas às mães, às donas de casa, às mulheres que trabalham fora etc.

Em cada caso, o gênero é reflexo das condições materiais específicas em que é produzido: quem escreve e para quem é direcionado, onde circula, por meio de que veículo e como é feito; e, de modo mais amplo, refletirá todo o contexto social e histórico da cultura em que é produzido e onde circula.

A maneira como a revista *Capricho* é organizada obriga que enunciados nos quais a natureza formativa é mais evidente integrem *Você*, parte que, como o próprio nome já adianta, busca tratar de assuntos que dizem respeito diretamente àquela que a lê e que por isso é composta por enunciados de caráter bem mais intimista e reflexivo, se comparados aos publicados nas outras partes da publicação, além disso, os assuntos tratados nas seções que compõem *Você* são sempre os mais delicados e polêmicos de toda a edição e estão ligados basicamente à vida afetiva, sexual e à postura comportamental das adolescentes contemporâneas.

Perfeitamente integrada às outras seções que compõem a revista, "Terapia de Grupo", mesmo tendo como objetivo tratar de assuntos considerados mais difíceis, por serem vistos como verdadeiros problemas por parte de suas leitoras, apresenta-os de forma descontraída, afetuosa e alegre: as fontes, cores, imagens e linguagem que integram a seção impingem a mesma leveza, delicadeza e jovialidade das outras partes de *Capricho*.

Das vinte e seis edições do ano de 2013, "Terapia de Grupo" foi publicada em dezoito delas; desse montante, apresentaremos cinco que julgamos serem boas representantes para fins analíticos². Antes da análise, entretanto, apresentamos, sucintamente, os elementos que, segundo Mikhail Mikhailovich Bakhtin, estruturam organicamente os gêneros do discurso:

1. *Tema*: questões relativas ao universo íntimo das adolescentes que compõem o grupo a que a *Capricho* direciona seus enunciados;
2. *Estilo*: *familiar*, por vezes, *íntimo*, em que se percebe os interlocutores fora do âmbito das hierarquias e das convenções sociais sendo marcado por uma atitude pessoal e uma informalidade com relação à linguagem;
3. *Construção composicional*: após a identificação da seção pelo nome e de seu título e subtítulo, é apresentado o relato de uma adolescente (identificada apenas pelas iniciais do seu nome, e idade) com uma questão que lhe incomoda. Em seguida, três conselhos (cada um, assim como a questão inicial, delimitado por aspas) são apresentados: os dois primeiros de outras adolescentes (estas identificadas por nome e sobrenome completos e idade) e o último feito pela consultora de imagem e psicóloga Mara Pusch (identificada pelo nome e ocupação profissional). Como cenário ao texto, uma foto apresenta seres inanimados que, graças à intervenção digital do ilustrador, são personificados e dramatizam, em um fundo monocromático fluorescente, que algumas vezes contrasta com as cores das letras e de outras partes da seção, a situação-problema descrita. Ao final, no rodapé da página, o endereço eletrônico para que outras meninas possam participar da seção é apresentado.

3. *Análise do corpus*

Tendo como elemento de seu contexto social, histórico e cultural o *capitalismo*, a revista *Capricho* é gerada e gerida desde a sua fundação, em 1952, seguindo a lógica desse sistema econômico de produção, inclu-

² "Minha irmã me copia" (ed. 1166, 13 jan.); "Ciúmes da *bff* com o namorado" (ed. 1173, 21 abr.); "A fim de garotas" (ed. 1174, 5 mai.); "Complexo de baixinha" (ed. 1180, 28 jul.); "Duelo de *bests*" (ed. 1183, 8 set.).

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

sive, adaptando-se às mudanças do próprio sistema capitalista para manter-se competitiva no mercado.

Em primeiro lugar, a própria confecção da *Capricho* está condicionada a uma necessidade do mercado já que, em última análise, trata-se de um bem de consumo que precisa ser adquirido mediante compra. A fim de permanecer atraente àqueles que aspira atingir, despertando-lhes interesse em consumi-la, a Revista ao longo da sua trajetória vem buscando alinhar o conteúdo e a maneira como este é apresentado aos desejos e perfil do público eleito. Conhecendo bem as características essenciais do nicho do mercado que quer atingir, a Revista consegue elaborar um produto que, ao mesmo tempo em que atende os desejos existentes, proporciona o despertar de novas necessidades de consumo, gerando um ciclo ininterrupto e, por consequência, extremamente lucrativo.

Segundo o pensador francês Jean Baudrillard (1995), o desenvolvimento econômico capitalista traz uma contradição: a capacidade ilimitada da produção e limitada do consumo, que faz com que o capitalismo seja obrigado a criar necessidades de consumo incessantemente. Neste aspecto, promovendo a cultura da acumulação, uma maior descartabilidade dos objetos e incitando desejos de consumo, atua a revista *Capricho*.

A lógica capitalista também é determinante na delimitação dos assuntos abordados pela revista, bem como na constituição dos seus gêneros discursivos. No caso específico do gênero produzido na seção "Terapia de Grupo", identificamos a influência do capitalismo em dois pontos, principalmente: em um discurso com forte apelo na filosofia da *autoajuda*, e na defesa que a revista faz ao *individualismo*.

Na dinâmica capitalista, há uma supervalorização do individual. De acordo com sua lógica, o maior responsável pelo sucesso ou fracasso alcançado durante a vida é o próprio indivíduo, de modo que seu esforço, perseverança, resiliência e motivação pessoais representam as condições essenciais para se alcançar determinados objetivos. Assim sendo, a categoria do indivíduo que o sistema econômico capitalista engendra carrega consigo as noções de liberdade, autonomia e, em certo sentido, de autorresponsabilidade: todo ser humano é capaz de, por meio de suas forças e vontades individuais, alcançar a realização pessoal, profissional, estabilidade financeira, um bom relacionamento, vida sexual ativa e satisfatória, uma família feliz, um corpo saudável, atraente, uma bela casa, um carro

novo etc. Portanto, cada um é autor de sua história, dono de sua vida e responsável unicamente por ela.

Em "Terapia de Grupo", a seção "Duelo de bests" da edição nº 1183 exemplifica bem a visão individualista que a Revista veicula. Quando a consulente questiona como proceder numa situação em que dois de seus amigos não se dão bem um com o outro, a *Capricho*, por meio da psicóloga Mara Pusch, deixa claro que todos têm responsabilidades dentro de uma relação, devendo a cada um, individualmente, cuidar da parte que lhe cabe:

Querida A., na verdade, quem tem que resolver esse problema é a sua amiga, que parece não saber lidar direito com o ciúme. (...) cabe a ela saber se conseguiu suportar o ciúme. (...) Sua parte em garantir um clima ok você já está fazendo.

Com esse movimento ao individual, o ser que se percebe único vai em busca de sua *autenticidade*, daquilo que o diferenciara dos demais. Muitas vezes, esse diferencial é buscado não por atitudes ou posicionamentos intelectuais, mas (alinhando-se mais uma vez à ideologia capitalista) àquilo que consome, que é capaz de comprar.

Em "Minha Irmã me Copia" (edição nº 1166), Y. E. se incomoda com o fato de sua irmã mais nova usar roupas e perfumes iguais aos dela e também de imitar suas atitudes, pois acredita que dessa forma a autenticidade, originalidade e singularidade que construiu para si mesma estaria sendo irremediavelmente maculada.

"Acontece com as roupas, com o jeito de falar e até com o meu perfume: minha irmã copia tudo o que eu faço!

(...) Cansei, não quero uma cópia minha andando por aí."

Reconhecendo a individualidade do ser³ e que este é o responsável por sua criação, a revista reduz a formação da personalidade da irmã mais nova de Y. E. à compra e uso de roupas, sapatos e perfumes. Afirma-se que há uma redução, pois a consulente afirma ser copiada em tudo o que *faz* e não apenas no que *usa*:

(...) há um lado bem chato, pois você acaba perdendo sua marca registrada e ela não criando a dela. (...) É claro que você sempre vai estar lá para ajudar e dar conselhos, mas ela precisa seguir o caminho dela.

³ Interessante destacar a metáfora produzida para representar esta individualidade: "marca registrada", expressão organicamente imbricada à ideologia capitalista, compara implicitamente os sujeitos a produtos comercializáveis, a bens que existem para serem consumidos.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

(...) Sabe como acontece com a Kristen Stewart, com a Selena Gomez ou com a Manu Gavassi? Todo mundo vê o que elas estão usando e quer copiar? (...) Monte looks, escolha um perfume com a cara dela e ajude-a a encontrar o próprio estilo.

Há, portanto, nas seções "Terapia de Grupo" a construção de sujeitos que exigem ser reconhecidos em sua individualidade e originalidade, atributos conseguidos muitas vezes a partir daquilo que conseguem comprar. Como outro aspecto relativo a esse voltar-se para si "Terapia de Grupo" é composto por enunciados com forte caráter de *autoajuda*, no sentido de que defendem o aprimoramento pessoal a partir do conhecimento das potencialidades e superação das consideradas deficiências do indivíduo.

Representando uma das ferramentas que possibilita ao homem o autodomínio, o controle de suas emoções e impulsos e a automotivação, o discurso da autoajuda promete encaminhar aqueles que a ele recorrem a um atalho para o sucesso e para a felicidade.

A *Capricho*, em "Terapia de Grupo", deixa explícito o discurso de autoajuda na forma como aconselha as consulentes a lidarem com seus problemas. Segundo a Revista, a solução está na maneira como as meninas enxergam os problemas, assim, a questão mais importante não seria a situação em si, mas a forma como cada um decide, por conta própria, encará-la.

Em "Ciúme da BFF com o Namorado" (edição nº 1173), a orientação dada à garota que está insegura no relacionamento, pois sabe que seu namorado já foi apaixonado pela melhor amiga dela, é basicamente esta: a melhora está em você, re programe sua forma de ver a situação e mude a maneira de pensá-la.

(...) Portanto, só resta se convencer do que essa possibilidade de o seu namorado ficar com a sua amiga é praticamente nula, ok? Um bom exercício para fazer todas as vezes em que o bichinho do ciúme te morder é repetir para si mesma que ele te ama. Também vale se lembrar de todos os momentos legais que vocês dois viveram juntos. Pode ter certeza de que essa insegurança vai passar mais rápido.

Situação semelhante percebemos em *Complexo de baixinha* (edição nº 1180) em que, somada à noção anterior de que tudo o que é necessário para sermos felizes é mudar a forma como encaramos os problemas, é declarada a importância de gostarmos de nós mesmos independentemente de nossos atributos físicos, e ainda que, à medida que agimos dessa forma, os outros ao redor passariam a nos admirar também.

(...) Você já tentou transformar o que você julga como defeito em qualidade? Comigo funcionou superbem!

(...) O engraçado é que hoje, quando posto minhas fotos de editoriais no Facebook, aquelas pessoas que costumavam me zoar na escola são sempre as primeiras a curtir. Sei que é difícil, mas a aprenda a gostar de si mesma.

A grande sacada está em não brigar com essa característica e tentar achar graça em si mesma. Isso sem falar nas vantagens, né? Ser menor do que qualquer cara com quem você quiser namorar, ficar confortável nas poltronas apertadas do avião, poder usar o maior salto do mundo sem encações... Para cada pensamento ruim sobre sua altura, tenha dois bons!

Por fim, a apresentação de diferentes pontos de vista sobre o mesmo assunto corrobora com a ideia de que não há uma forma exclusiva de se enfrentar determinada situação, confirmando, assim, a noção de que não há um modelo pré-estabelecido que todos devam adotar, ou ainda um guia padrão de vida para todo um grupo. Pelo contrário, tal como o individualismo promovido pelo capitalismo apregoa, cada ser é autônomo para decidir a melhor maneira de orientar sua vida em particular e, seguindo as orientações do discurso de autoajuda, buscar em si e em suas experiências pessoais as respostas para os dilemas cotidianos; experimentando viver a vida sem grandes preocupações de modo que as certezas venham justamente a partir dessas experiências, conforme a seção publicada na edição nº 1174 "A Fim de Garotas" permite compreender:

Minha *bff* e eu vivíamos juntas. A gente estudava na mesma sala, fazia os trabalhos no mesmo grupo e, aos fins de semana, ia ao cinema. A questão é que comecei a achar que estava gostando dela não só como amiga. Eu sentia vontade de beijá-la, juro! Pensei que isso era um sinal de que eu curtia meninas e cheguei até a ficar com uma garota para ver o que eu sentia. E não gostei! Tudo mudou quando entrou um menino novo na escola e, aí sim, me apaixonexi de verdade. Acho que talvez seja só um momento confuso da sua vida.

Eu sou gay, mas a minha história é diferente da sua porque, no fundo, eu sempre soube disso. Fiquei com alguns meninos quando era mais nova, mas minha atração por garotas existe desde sempre. Confesso que no começo foi difícil contar para os meus pais, por exemplo, mas com o tempo as coisas foram se ajeitando. Acho que você deve viver sem encações e ficar com quem sentir vontade, sabe? Tudo bem tentar e mudar de ideia depois. Aliás, isso rola sempre na vida, né? Então, acho que não deve ser um problema se acontecer com sua vida amorosa.

(...) Pode até ser que você se descubra gay, mas, para isso, você terá que experimentar ficar com meninas e ver qual é o seu sentimento. De qualquer forma, não tenha medo do que você está sentindo e nem queira ter as respostas de imediato. Te garanto que elas irão aparecer no tempo certo! Então, bora viver a vida!

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

A revista promove um discurso fundado na ideologia oficial e hegemônica do capitalismo. Essa superestrutura orienta a elaboração de cada um dos enunciados da publicação e vai, quinzenalmente, repetindo certas representações de mundo, de sociedade, do que é ser adolescente, do papel social da mulher etc. de modo que, lenta e progressivamente, os conteúdos, palavras e representações vão, já nos níveis superiores da ideologia do cotidiano, se mostrando perfeitamente integrados ao sistema da ideologia oficial.

Nesse sentido, as publicações em *Capricho* de modo geral e a seção "Terapia de Grupo", de forma específica, atuam como agentes de organização, regulação e reprodução das relações histórico-materiais nas sociedades capitalistas; promovendo a cultura do individualismo, do liberalismo e do consumismo como caminhos para a realização pessoal e o sucesso social.

Há em suas páginas um verdadeiro culto ao eu. O protagonismo dado às leitoras na produção de parte de seu conteúdo, por exemplo, retrata diretamente o excesso narcísico, marca de nosso tempo. O outro ponto essencial à revista representa a relação imaginária entre o poder e o gozo promovidos pelo consumo de mercadorias.

A aquisição de produtos é relacionada às possibilidades de se alcançar níveis maiores de satisfação, de bem-estar e de sensação de pertencimento ao grupo/classe. Usar os mesmos itens que determinada celebridade é apresentado como um objetivo a ser alcançado, passando a falaciosa impressão de que ao adquirir os mesmos produtos que um artista, a leitora passaria a possuir alguns dos atributos do seu ídolo. Seria uma espécie de aproximação por imitação, sendo o consumismo condição necessária a esta imitação.

4. Considerações finais

Considerado uma realidade possível graças à interação social, o sujeito bakhtiniano é definido pelas possibilidades da linguagem e os valores de ordem ideológica que ela comporta e faz circular e da qual também emerge. Sendo, então, o sujeito um ente da linguagem e da ideologia que essa veicula em dada realidade, os enunciados da *Capricho*, ao serem produzidos e compreendidos de acordo com as coerções de seus contextos sociais e históricos, conclui-se que atuam na promoção e na manutenção da ideologia oficial do sistema econômico da sociedade em que cir-

cula, o *capitalismo*; manifestando-se, principalmente, na defesa do *consumismo*, do *individualismo*, do *liberalismo*, todos valores de uma determinada classe social que detém o poder, através, principalmente, de um discurso de *autoajuda*.

Indissolúvelmente amalgamados, cada um dos pontos representa uma face do mesmo fenômeno discursivo. O consumo, tônica máxima da revista como um todo, é, por vezes, apresentado como a possibilidade do indivíduo se diferenciar dos demais; autenticidade e originalidade são vendidas em forma de produtos, como roupas, sapatos e perfumes. Paradoxalmente, o desejo de ser diferente das demais pessoas é justamente o que padroniza o grupo de meninas leitoras, já que todas elas serão únicas à maneira que a *Capricho* orienta.

Há, desse modo, a difusão de um discurso que tende a contribuir para a construção de subjetividades frágeis. A moça que lê *Capricho* é convocada a acreditar que não pode ser bela, sensível, alegre, por si só. Ela conseguirá essas qualidades se *tiver* determinados objetos. Para *ser*, ela precisa *ter*. Esse deslocamento acaba por dificultar a real possibilidade de crescimento pessoal. Até para se autoconhecer, a menina precisa da mediação do objeto: a própria revista. Em "Terapia de Grupo", encontrará todo o saber que, supostamente, a ensinará como vencer conflitos relacionar-se como seus pares e até consigo mesma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2010.

BAKHTIN Mikhail Mikhailovich (VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.